

Entre a tradição e a renovação

MATRIZes vem, desde 2007, contribuindo com a circulação de contribuições intelectuais significativas para a área da Comunicação, publicando em formato aberto todos os trabalhos acolhidos em língua portuguesa e versões em outros idiomas (inglês e espanhol) para favorecer a disseminação do conhecimento. Até o momento, sem contar os dados desta edição, publicamos 527 artigos, com predomínio de 394 textos uniautoriais (75% do todo), seguidos por aqueles com dupla autoria, 101 (19%), e os demais 32 artigos (6%) com três ou mais pessoas. Disso resulta um total de 525 autores e autoras, sendo 393 (75%) do Brasil e 132 (25%) de outros países. A maioria dos que publicaram artigos fez isso uma única vez: 420 (80%), 73 (14%) pessoas tiveram dois trabalhos e 32 (6%), três ou mais.

Essa breve bibliometria autoral da Revista ajuda a entender a importância de MTRIZes no campo. Mas a frieza dos números precisa ser contrabalançada pela perspectiva de que, por trás dos indicadores, há pessoas. Estamos bastante cientes disso em nosso cotidiano editorial e muito se poderia dizer sobre a angústia de nosso Comitê — e, certamente, de outras revistas — ao enviar cartas de rejeição de trabalhos a colegas ou quando temos dificuldade de conseguir dar respostas com a agilidade que gostaríamos a todos os processos de decisão sobre os trabalhos submetidos. São ossos do ofício.

Entretanto, questões desse tipo chegam a parecer insignificantes quando circunstâncias repentinas e inesperadas nos colocam frente à perda de um colega. Evidentemente, nos referimos à notícia sobre o falecimento precoce do pesquisador Igor Sacramento, lamentada pela comunidade comunicacional brasileira. Em sua trajetória, ele teve um profícuo relacionamento com MTRIZes, tendo publicado e emitido cuidadosos pareceres para a Revista. O primeiro artigo publicado por ele, no segundo número do ano de 2014, foi *A biografia do ponto de vista comunicacional*, estudo diretamente relacionado ao seu doutorado, em que procura discutir a noção de “biografia comunicacional”. Na primeira edição de 2020, foi editada sua



última colaboração: o artigo em coautoria com Raquel Paiva, *Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil*. Nesse outro trabalho, evidencia-se o peso que, sem abandonar outras preocupações, a interface entre comunicação e saúde assumiu em sua carreira.

Quem publica em revistas científicas, segundo a lógica dos campos de Bourdieu, espera que elas sejam um veículo para a obtenção de visibilidade positiva, de modo a alcançar uma posição mais central e com autoridade e expressão mais significativas nos debates da área de conhecimento. Isso se relaciona à difusão de ideias, continuidade de trajetória acadêmica e reconhecimento pelos pares — dimensões que a trajetória intelectual em processo de Igor manifestava. Por outro lado, as revistas desejam que quem publica nelas reverta ou compartilhe o seu prestígio com a publicação. Desse modo, tendo em vista que os processos editoriais adotados se alicerçam na revisão por pares, temos que agradecer àqueles que, em algum momento, fizeram justiça ao jovem doutor que submeteu um texto a **MATRIZes**, aprovando-o.

Dito isso, desejamos que o legado do trabalho transdisciplinar, combinando aspectos de tradição e de renovação nos estudos de nossa área, de Igor Sacramento, seja uma inspiração para as pessoas que ingressam ou que já estão nela. A tentativa de mesclar a tradição e a renovação também é uma preocupação da Revista, que transparece no sumário desta edição. A meta é que essa conjugação estabeleça tensões e diálogos produtivos entre as dimensões daquilo que está consolidado e das perspectivas e temáticas emergentes.

Isso também se configura nos casos em que intelectuais consagrados voltam-se a temas inovadores e, inversamente, os investigadores e as investigadoras mais jovens retomam questões tradicionais da pesquisa em Comunicação. Sendo assim, este número combina um conjunto de temas e argumentações originais que, por um lado, reforçam o âmbito da produção intelectual consolidada. Caberá à leitura acadêmica atenta localizar, interpretar e avaliar as contribuições dessa variedade de trabalhos e perspectivas.

A seção *Dossiê* deste número é, assim, iniciada pelo trabalho de Renato Ortiz *Visibilidade e espaço público*. Neste artigo, ao tratar da visibilidade, o renomado sociólogo recupera bibliografia clássica sobre o tema — inclusive notando o papel do conceito de *visibilidade* na Sociologia da Ciência de Merton —, em formato de ensaio, oferecendo pistas de uma revisão conceitual que, com certeza, está aprofundada em seu mais novo livro *Influência* (2025). De todo modo, o artigo em mãos será de utilidade em uma diversidade de análises sobre objetos atuais, em especial sobre influenciadores digitais e a sustentabilidade de suas atividades profissionais.

No texto seguinte, o autor mexicano radicado no Reino Unido, Emiliano Treré, reflete sobre como movimentos sociais e ativismos se encontram, nos dias

de hoje, no artigo *Ecologias das mídias, movimentos sociais e ativismo*. O cerne da argumentação é a reivindicação da potência de uma abordagem da ecologia da mídia para a análise de práticas de ativismo digital vinculadas a movimentos sociais. Isso porque tal perspectiva permite compreender como os meios e os movimentos são mutuamente configurados de modo complexo, criativo e, com frequência, de modos imprevisíveis.

Já *A história dos estudos de comunicação nas Américas: Uma introdução*, de David Park, Jefferson Pooley, Peter Simonson e Esperanza Herrero, texto que dá continuidade ao Dossiê, tem o mérito de indicar problemáticas e múltiplas bibliografias para abordagem historiográfica do tema. A seção tem sequência com o artigo *Rastreando questões comunicacionais*, de José Luiz Braga, no qual o autor aprofunda uma linha teórico-metodológica em que tem dado contribuições à área, propondo um programa de pesquisa fundamentado em dez premissas relevantes para desenvolver a pesquisa comunicacional. Depois, o artigo *Ontologia das vidas pretas em ensaio audiovisual*, de Irene Machado, continua a seção, em trabalho no qual escava a linguagem audiovisual do multiartista Arthur Jafa, em *Os sonhos são mais frios que a morte*, em especial a composição de depoimentos de afro-estadunidenses, para discutir uma ontologia das vidas pretas. Também discutindo produtos audiovisuais, Benjamim Picado, em *O roteiro como encargo: Examinando a dramaturgia do diálogo em The Newsroom e True Detective*, empenha-se no que sugere o papel específico do roteiro nas obras de ficção seriada televisiva do canal HBO indicadas no título, encerrando o Dossiê deste número.

A seção *Em Pauta* tem início com o texto *Negritude LGBTQIAPN+ na publicidade: Esse arco-íris tem todas as cores?*, no qual Pablo Moreno Fernandes adota abordagem interseccional, combinada à semiótica, para analisar conteúdos veiculados por marcas e discutir as complexidades que emergem da combinação entre orientação sexual e identidade de gênero somadas à raça em relação ao objeto de estudo. Já Ednei de Genaro, em *Teoria crítica da mídia: Chun, Galloway, Wark*, faz uma aproximação teórico-bibliográfica a esses autores do contexto norte-americano e de vertente crítica, com ênfases e horizontes distintos, mas com comum preocupação com dimensões arqueológicas da mídia. A perspectiva decolonial, por sua vez, é utilizada por Emmanoel Ferreira, em *Partilha do sensível e estética decolonial em jogos brasileiros dos anos 1990*, no estudo do objeto mencionado no título do trabalho.

Também numa perspectiva de análise de tecnologias, no caso relacionadas ao digital, o texto *Além do design: Interfaces algorítmicas como agentes epistemológicos*, de Elias Bitencourt, propõe novos conceitos para o estudo das relações entre interfaces digitais, comunicação e sociedade. Em seguida, Júlio César Rocha Conceição e Rennan Lanna Martins Mafra, em *Para além do sentido: Objetividade,*

subjetividade e intersubjetividade sob a perspectiva do jornalismo em quadrinhos, ao estudar narrativas gráficas de Joe Sacco, notam que essa forma jornalística peculiar permitiu ao autor se aprofundar em sua investigação ao reportar um evento.

Na sequência, o trabalho de Maiara Garcia Orlandini e Rousiley Celi Moreira Maia, *Politização e despolitização: Abordagem teórico-metodológica para análise de dinâmicas comunicacionais*, adota uma dimensão propositiva para os estudos da área, no caso, para a análise de discussões políticas em ambientes digitais, na tentativa de compreender empiricamente os processos de politização/despolitização. A questão política também é central no trabalho que finaliza a seção *Em Pauta* deste número. Trata-se do artigo *Polarização nas mídias sociais: Medindo a segregação de comunidades políticas*, no qual os autores, Márcio Moretto Ribeiro e Pablo Ortellado, com base em dados de mídias sociais, abordam a emergência e o desenvolvimento do fenômeno da polarização no Brasil, a partir de 2014, em um processo simultâneo de separação e combinação de comunidades políticas.

Fazendo jus ao caráter diverso e fluido dos artigos deste número, que tanto se vinculam a tradições teóricas já consolidadas no campo quanto a explorações renovadoras, encerramos a edição com a resenha da obra *Muniz Sodré: Uma escola disruptiva*, apresentada por Ribamar Oliveira. Homenagem aos 80 anos de uma figura fundadora do campo, a publicação reúne crítica, entrevista, crônica e depoimento, reconhecendo a potência da reflexão do sociólogo, jornalista e professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Temos aí uma sugestão de leitura obrigatória sobre o percurso desse autor que, sem dúvida, configura a tradição do pensamento comunicacional brasileiro. Enfim, em mais uma edição, **MATRIZes** cumpre seu papel de situar-se entre a tradição e a renovação intelectual, buscando colocar em circulação uma diversidade de vozes. Boa leitura! M

^a Professor adjunto da Universidade de São Paulo (USP).

^b Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Richard Romancini¹ e Ana Carolina Escosteguy²